



Confluências entre a Análise Discursiva Pecheutiana e a Linguística Funcional Centrada no Uso

Confluences between Pecheutian Discursive Analysis and Usage-Based Functional Linguistics

Ana Ligia SCALDELAI SALLES*

RESUMO: Este artigo se propõe a discutir conceitos basilares e específicos de duas subáreas linguísticas, a Análise do Discurso Pecheutiana e a Linguística Funcional Centrada no Uso, com o intuito de elucidar confluências entre as abordagens. A justificativa se pauta na importância de se discutir como a intersecção entre as duas correntes teóricas acontece e como esse diálogo pode contribuir para a descrição de fatos linguísticos. A discussão se concentra na análise de conceitos teóricos no campo da Análise do Discurso, como noção de língua(gem), sujeito, sentido, discurso, ideologia, história e esquecimento mobilizados por autores como Orlandi (2012 [1999]; 2002) e Pêcheux (1990; 1995 [1975]), e como os conceitos de língua(gem), sujeito/falante, sentido, conhecimento linguístico, processos cognitivos e construção podem ser compreendidos no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a partir de Bybee (2016 [2010]) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]). Ademais, tais conceitos serão aplicados ao analisar ocorrências de três construções intensificadoras, a saber *pra caralho*, *morri de* e *pra burro*, para fins de tateamento teórico-analítico com o propósito de atestar a contribuição do diálogo das subáreas. Assim, através da presente investigação, constata-se que, apesar de as bases epistemológicas apresentarem conceitos específicos, alguns diálogos são possíveis, já que ambas valorizam a análise de textos reais e a língua em uso.

PALAVRAS-CHAVE: Análise discursiva. Linguística funcional. Intensificação. Diálogo. Língua.

ABSTRACT: This article aims to discuss basic and specific concepts of two linguistic subareas, Pecheutian Discourse Analysis and Usage-Based Functional Linguistics, with the aim of elucidating confluences between the approaches. The justification is based on the importance of discussing how the intersection between the two theoretical currents occurs and how this dialogue can contribute to the description of linguistic facts. The discussion focuses on the analysis of theoretical concepts in the field of Discourse Analysis, such as the notion of language, subject, meaning, discourse, ideology, history and forgetting mobilized by authors such as Orlandi (2012 [1999]; 2002) and Pêcheux (1990; 1995 [1975]), and how the concepts of language, subject/speaker, meaning, linguistic knowledge, cognitive processes and construction can be understood within the scope of Usage-Based Functional Linguistics, based on Bybee (2016 [2010]) and Traugott and Trousdale (2021 [2013]). Furthermore, such concepts will be applied when analyzing occurrences of three intensifying constructions, *pra caralho*,

* Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE), São José do Rio Preto, SP, Brasil. ana.scaldelai@unesp.br

morri de and pra burro, for the purposes of theoretical-analytical groping with the purpose of attesting the contribution of the dialogue of the subareas. Thus, through the present investigation, it is clear that, although the epistemological bases present specific concepts, some dialogues are possible, since both value the analysis of real texts and the language in use. **KEYWORDS:** Discursive analysis. Functional linguistics. Intensification. Dialogue. Language.

Artigo recebido em: 03.04.2024

Artigo aprovado em: 23.08.2024

1 Considerações iniciais

Os estudos linguísticos são marcados pelas inúmeras posições epistemológicas e, conseqüentemente, pelos embates teóricos, no entanto, apesar de a incumbência não ser simples, uma intersecção entre abordagens é plausível e, por vezes, substancial para a área. Assim, tendo em vista os benefícios que essa aproximação pode acarretar para cada um dos modelos teóricos em questão, o objetivo deste artigo é mapear os pontos possíveis de intersecção entre a Análise do Discurso Pecheutiana (Brandão, 1998; 2007; Orlandi, 2012 [1999]; 2002; Pêcheux, 1990; 1995 [1975]), e a Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2016 [2010], Furtado da Cunha e Cezário, 2023; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]) e mostrar em que medida tais aproximações são frutíferas para os estudos linguísticos, em especial para aquelas pesquisas que tocam, por exemplo, em questões atreladas ao discurso, contexto de uso e a figura do sujeito/falante.

Para tanto, partiu-se de conceitos teóricos basilares e específicos nas duas subáreas. Para a área da Análise do Discurso, são trabalhadas a noção de língua(gem), sujeito, sentido (Orlandi, 2012), discurso, história, ideologia (Marques, 2012; Menezes, 2004) e os esquecimentos formulados por Pêcheux (1995 [1975]); ao passo que para a Linguística Funcional Centrada no Uso as concepções de língua(gem), sujeito/falante, sentido (Bybee, 2016 [2010]; Martelotta; Alonso, 2012) também permanecem, além de outras como conhecimento linguístico, processos cognitivos e construção (Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Longe de hierarquizar ou priorizar uma teoria em detrimento de outra, a finalidade é mostrar o poder explanatório de um

diálogo entre modelos teóricos para a análise de objetos da linguagem. A fim de alcançar esses objetivos, este artigo busca responder às seguintes perguntas: 1) quais são os pontos convergentes entre as abordagens teóricas em apreço? e 2) em que medida o diálogo entre duas teorias poderá contribuir para o entendimento e a análise de um dado objeto de pesquisa?

Com a finalidade de apontar as semelhanças entre as teorias e como a afluência de ambas pode ser benéfica para o estudo de um mesmo objeto, será discutido o processo da intensificação, especificamente a ocorrência de três construções perifrásticas de natureza intensificadora comumente utilizadas na fala informal, a saber **pra caralho**, **morri de** e **pra burro**, extraídas do Corpus do Português. A intensidade é vista como um processo avaliativo do mundo muito produtivo não só na língua portuguesa, mas também em outras línguas, fato que justifica a escolha do tema para o estudo das aproximações entre as duas abordagens. Além do mais, tal análise possibilitará investigar não só a função das construções intensificadoras, como também os discursos que emergem na situação comunicativa através de seus usos.

Para tanto, o artigo está dividido nas seguintes seções: **Considerações iniciais** introduz o tema, os objetivos e o corpus utilizado, bem como apresenta a estrutura do artigo; **Pressupostos da Análise do Discurso Pecheutiana** e **Pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso** apresentam as fundamentações teóricas das respectivas abordagens; **Pra caralho, morri de e pra burro: uma análise** pormenoriza o processo da intensificação e explora as três construções intensificadoras nos dois vieses teóricos; e, por fim, **Considerações finais** propõe o arremate das teorias apresentadas.

2 Pressupostos da Análise do Discurso Pecheutiana

A presente seção objetiva apresentar postulados principais da Análise do Discurso, especificamente da perspectiva discursiva de linha francesa, preferencialmente estudada e analisada por Michel Pêcheux (1990; 1995 [1975]). Para

cumprir com os objetivos do trabalho, serão expostos os conceitos de língua(gem), sujeito, sentido (Orlandi, 2012), além de outros mais específicos, como discurso, história, ideologia (Marques, 2012; Menezes, 2004) e os esquecimentos formulados por Pêcheux (1995 [1975]).

Michel Pêcheux (1938-1983), no final dos anos 1960, enquanto pesquisador da École Normale Supérieure – Paris, propôs a teoria da análise do discurso na França como uma resposta à análise de conteúdo, pois, ao considerar a opacidade da linguagem, sua preocupação recai não sobre a tentativa de entender o sentido do texto, mas em “como o texto significa” (Orlandi, 2012 [1999]). Dessa maneira, a Análise do Discurso (doravante AD) passa a discorrer sobre “o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção (Brandão, 1998, p. 19). Advindo das teses de Althusser (1985), Pêcheux teve como foco compreender e unir três diferentes áreas do conhecimento, a linguística, como uma teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, o materialismo histórico, como uma teoria das formações sociais, inclui-se aqui a ideologia, e a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos.

Para a abordagem pecheutiana, a língua é a base material que constitui, através do social, o discurso, e está totalmente vinculada à história e a funções político-ideológicas, fato que não permite ser reduzida apenas à função de comunicação, devendo, obrigatoriamente, ser vista como um mecanismo de imposição ideológica. Como menciona Orlandi (2012 [1999]), a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e só faz sentido porque está inserida na história, logo o sentido é movente, isto é, pode ser alterado a depender da época, do contexto, das formações discursivas, uma vez que é produzido na história e pela história por intermédio de um sujeito.

Dessa maneira, o discurso perpassa a exterioridade do sistema, vai além do simples estudo da estrutura da língua, dado o envolvimento de um indivíduo falante, do contexto, da história e da ideologia. Assim, este viés teórico não se relaciona às

propostas dos estudos de Saussure e Chomsky porque inclui fenômenos ignorados pelos autores, como, principalmente, a prática social. Nas palavras do fundador da AD, o termo discurso não envolve “uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1990, p. 82). Tais pontos,

não são lugares físicos concretos, mas representações imaginárias que o interlocutor faz tanto de si mesmo e do outro quanto dos lugares em que se encontram no processo discursivo e que esses diferentes lugares e representações dos sujeitos implicam deslocamentos de sentidos (Marques, 2012, p. 10).

Assim sendo, o discurso não é uma produção individual, mas coletiva, social, não está sob controle de quem enuncia, dada a ilusão do sujeito produtor, não é atemporal, pois se inscreve na história e, por fim, não é planejado, porque não é consciente. À vista dessas definições, conclui-se que, para o analista do discurso, seu objeto é o discurso em si, isso porque o discurso não é apenas uma transmissão de informação, existem sujeitos se constituindo e sentidos sendo afetados pela história no funcionamento da língua(gem). Nota-se, portanto, a importância dos elementos extralinguísticos na construção dos discursos, uma vez que os contextos sócio-históricos de produção são formadores de sentido e de significado.

Nesse âmbito, “discurso é a própria palavra em movimento, cuja noção desloca-se no tempo e no espaço, assumindo múltiplos sentidos” (Menezes, 2004, p. 22), e que, conseqüentemente, “aspectos sociais e ideológicos são impregnados nas palavras quando elas são ditas e o discurso que se materializa na linguagem revela os lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos” (Fernandes, 2007, *apud* Marques, 2012, p. 9). São por esses motivos, conforme aponta Foucault (2005, p. 43), que a palavra só tem sentido dentro de formações discursivas, as quais são explicadas como um conjunto de enunciados agrupados e definidos por um certo princípio de regularidade, e a depender da formação discursiva em que é enunciada, carregará outro sentido. É em cada formação discursiva, por intermédio da inscrição do sujeito em determinadas

formas lexicais que ele evidenciará uma tomada de posição enunciativa, e, por conseguinte, sustentará uma posição.

Não se trata mais do significado de uma palavra isolada ou de um conjunto delas, pois para a abordagem em foco é o texto que produz sentido, porque é construído por sujeitos pertencentes a uma sociedade, em um dado momento histórico, e determinado por formações ideológicas. Busca-se, então, analisar os sentidos do texto e os mecanismos e procedimentos que são responsáveis por construir seus sentidos: a organização linguística e discursiva do texto e as relações com a sociedade e a história (Barros, 2016, p.188). Pêcheux vê “nos protagonistas do discurso não a presença física de “organismos humanos individuais”, mas a representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Brandão, 2007, p. 44), pois

É por meio dos discursos efetivamente produzidos e materializados *nalgum lugar* que conhecemos o sujeito, as ideologias que o interpela, e sua(s) posição(ões). ‘Posições’ no plural uma vez que os indivíduos assumem posicionamentos no discurso mostrando que o sujeito é heterogêneo (Marques, 2012, p.10, grifos do autor).

Não há como desvincular o discurso de sua materialidade, a ideologia, pois é dentro dela que os sujeitos assumirão suas posições de classe. Assim sendo, é possível que o sujeito se identifique ou não com uma formação discursiva, mas ele nunca estará fora da lógica de funcionamento da ideologia, justamente porque, ao produzir um discurso, ele não é um ser empírico, pelo contrário, é o sujeito do discurso e apesar de carregar consigo marcas sócio-histórico-ideológicas, ele não tem consciência de seus pré-discursos, de suas anterioridades, conforme aponta Paveau (2013). Relaciona-se, nesse ponto, os esquecimentos um e dois formulados por Pêcheux (1995 [1975]), em que o esquecimento nº1 é ideológico, da ordem do inconsciente, e o sujeito, pelo processo da interpelação, acredita ser o pioneiro a dizer algo, isto é, tem a ilusão de ser origem de seu discurso. Enquanto o esquecimento nº 2 é enunciativo, da ordem do semiconsciente, e dispõe sobre o fato de o sujeito se apoiar na aparência de que o que

ele diz só pode ser dito de uma única maneira, assim ao produzir um enunciado, deixará de produzir outros.

A AD rompe, portanto, com a noção de sentido como algo inerente, como vê-se nos dicionários, pois é substancial a sua compreensão a partir da história, dada a construção do discurso na e pela história através do sujeito e no sujeito. É possível assim compreender “suas formações, suas vinculações às entidades e grupos sociais e conseqüentemente às ideologias que interpelam tais discursos” (Marques, 2012, p. 16). Dessa maneira, o discurso significa porque está inscrito em um momento histórico, em determinadas formações discursivas que também são históricas e que, portanto, não está arraigado nos desejos daquele que o enuncia (Camargo, 2019, p. 176).

A partir dos apontamentos dos preceitos teóricos que regem os estudos da AD pecheutiana, são tratados, na próxima seção, como alguns desses conceitos são também abordados na Linguística Funcional Centrada no Uso, além de elucidar alguns tópicos específicos da área.

3 Pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso

Esta seção tem como finalidade apresentar os postulados teóricos principais da Linguística Funcional Centrada no Uso, (Bybee, 2016 [2010]; Furtado da Cunha; Cezário, 2023) em especial aqueles que compõem a Gramática de Construções (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Para isso, são apresentados os tópicos sobre língua(gem), sujeito, sentido, conhecimento linguístico (Bybee, 2016 [2010]; Martelotta; Alonso, 2012), processos cognitivos e construção (Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). A intenção é que, a partir da explanação dos conceitos básicos dessa abordagem, seja possível compreender melhor as aproximações entre as abordagens teóricas em questão.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) configura uma tendência recente dos estudos funcionalistas norte-americano desenvolvidos no Brasil e foi traçada pela comunidade acadêmica brasileira do Grupo de Estudos Discurso &

Gramática, com sedes na UFRN, UFRJ e UFF. A abordagem consiste na união dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, mais especificamente da Gramática de Construções. Nesse viés, autores como Bybee (2016 [2010]), na concepção dos processos cognitivos de domínio geral, dos fatores sociais que modelam a gramática, Traugott e Trousdale (2021 [2013]), responsáveis por teorizar acerca da noção de construção, Langacker (1987) e Lakoff (1987) encarregados de dissertar sobre a relação entre o ser humano e o mundo natural e sociocultural, trazem subsídios necessários para a compreensão da teoria.

Na perspectiva baseada no uso, não há uma gramática universal, já que o conhecimento linguístico é explicado a partir de processos cognitivos de domínio geral, isto é, através de processos operantes não só no domínio da linguagem, mas também em outros domínios cognitivos (Bybee, 2016 [2010]). Dessarte, o conhecimento linguístico é formado por meio de construções linguísticas, que são concebidas como a unidade básica da língua, por isso a necessidade de o indivíduo dominá-las para eventual bom domínio da língua. Desse modo, nessa concepção, a língua não é analisada de maneira isolada, somente por sua estrutura gramatical, mas, primordialmente, associada ao seu significado, isto é, através de seu uso, de seu contexto discursivo.

São os falantes, conseqüentemente, por meio de suas vivências com o mundo ao redor, os responsáveis por construir o significado de uma língua, uma vez que não só compreendem, mas, sobretudo, produzem as construções linguísticas. A linguagem, nesse viés, está “intimamente ligada a outros domínios cognitivos e interage com fatores ecológicos, psicológicos, culturais, sociais, comunicativos etc.” (Silva, 2006, p. 67), logo ultrapassa o objetivo somente de interagir e percorre caminhos outros, como classificar, organizar e processar as informações semântico-pragmáticas. Há, então, uma correlação entre linguagem e cognição, na medida em que a cognição (processo social) é constituída na e pela linguagem, sendo entendida como um fenômeno dinâmico e sócio-historicamente situado através de indivíduos socialmente

engajados, correlação que se aproxima do modo como a AD entende o relacionamento entre língua, indivíduo e fatores externos.

A estrutura da língua reflete de alguma forma, e em diferentes graus, a estrutura da experiência do falante, o conhecimento do qual dispõe, havendo, portanto, “uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência” (Martelotta; Palomanes, 2016, p. 179). Nessa perspectiva, o sentido de uma palavra é entendido como uma negociação entre falante e ouvinte e é construído de forma dinâmica e sócio-historicamente durante o contexto comunicativo. À vista disso, para que tenhamos “a palavra [...] não mais como portadora de significado, mas como porta para a construção do sentido” é imprescindível que o falante/ouvinte seja um “sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo” (Martelotta; Alonso, 2012, p. 92).

A tríade (linguagem-pensamento-experiência) corrobora com o ponto de vista de Bybee (2016 [2010]), em que a língua sempre será analisada com base em seu contexto de uso, levando em consideração elementos internos (gramática) e externos (contexto), além de reconhecer, como já mencionado, que a estrutura linguística deriva de processos cognitivos de domínio geral, a saber categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Tais processos são utilizados para explicar que a estrutura linguística não advém só de processos específicos à linguagem, mas especialmente daqueles aplicados a outras áreas da cognição humana, vista as funções de fazer categorizações, analogias e associações, de reter e organizar as informações velhas e novas na memória. Significa, portanto, que quando a mente humana evolui em contato com a experiência, o ser humano, de modo consequente, representará o mundo, suas relações com o ambiente e com o outro, obtendo tanto experiências linguísticas, quanto não linguísticas que serão representadas cognitivamente e mediadas por tais processos.

Quanto ao conceito de construção, Bybee afirma tratar-se de “um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura linguística e pode incluir posições

que são tanto fixas quanto abertas” (2016, p. 28), e Traugott (2008), de forma similar, concebe uma construção como um *chunk* (encadeamento) de natureza autônoma e rotinizado na comunidade linguística. Assim, como observado em Croft (2009, p. 258), uma construção é concebida como uma unidade básica da língua e é decorrente de pareamentos de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), ambos interligados por meio de elos de correspondência simbólica. É caracterizada por um conjunto de três propriedades, sendo elas esquematicidade (a construção serve como modelo abstrato para categorizar padrões de uso), composicionalidade (grau de transparências entre o elo forma e função da construção) e produtividade (grau em que o esquema sanciona outras construções menos esquemáticas).

Logo, as construções podem variar em relação às propriedades discutidas, uma vez que apresentam tamanho e forma variados, como por exemplo, “Maria vai com as outras”, “chutar o balde”, “um monte de X”, “para lá de X”, “X-mente”, entre outras, por consequência, não quer dizer que uma construção seja, necessariamente, uma estrutura mais ampla, mas sim um nó que cumpre um papel bastante definido na língua. Nesse contexto, uma nova construção emerge na língua através do processo de analogização, uma vez que o falante passa a usar um novo item em um padrão existente, com base em exemplares já armazenados em sua memória. Na sequência, como as construções são específicas à língua e são formadas por meio das experiências com o mundo sociofísico, questões como aceitabilidade de uma nova ocorrência e probabilidade de coocorrer com outros itens só serão possíveis dada similaridade com os usos já convencionalizados na língua.

Conforme aponta Furtado da Cunha e Cezário,

o uso criativo da língua pelos falantes se sustenta no fato de que os enunciados novos, ou as novas construções, provêm de enunciados, ou construções, já estabelecidos na língua. É o que acontece também nos estágios iniciais da aquisição da linguagem e na produção de novos enunciados pelos adultos, seja na morfologia seja na sintaxe (Furtado da Cunha; Cezário, 2023, p. 10 e 11).

Afirma-se, portanto, que como a linguagem é uma rede de nós devidamente interligados a outros, as construções são formadas a partir de outras já existentes na língua, seja pelo uso, seja pelas inferências feitas pelo ouvinte com base no contexto, pelos links formais e semânticos que podem ser acionados no discurso, ou ainda pelos processos cognitivos de domínio geral. Assim sendo, tanto a LFCU quanto a Gramática de Construções entendem que a língua é uma entidade dinâmica, que é modelada constantemente com fatores de ordem social e cognitiva e por isso procuram entendê-la em sua totalidade. Na próxima seção, são discutidos o processo da intensificação, bem como a análise de construções intensificadoras baseada nas duas teorias aqui apresentadas.

4 *Pra caralho, morri de e pra burro: uma análise*

Esta seção é responsável por explanar conceitos importantes sobre o processo de intensificação, como sua função e estrutura e sua relação com a experiência do falante, além de expor três ocorrências extraídas do *corpus* para aplicação da discussão teórica acerca de como a LFCU e a AD podem dialogar e, conseqüentemente, fornecer material para uma análise das construções intensificadoras. Vale ressaltar que não se trata de uma análise discursiva propriamente dita, mas de uma mobilização teórica para reflexões possíveis sobre o material.

Em situações comunicativas, é natural que o falante intensifique, com mais ou menos força, positiva ou negativamente, algum evento, estado ou emoção, pois necessita transmitir por completo aquilo que sente ou pensa, fazendo com que seu sistema linguístico reflita de alguma forma, e em diferentes graus, a estrutura de sua experiência e o conhecimento do qual dispõe. Assim, a intensificação passa a ser reconhecida como um fenômeno translinguístico por se tratar de um processo avaliativo muito produtivo em inúmeras línguas, além de ser um bom exemplo para ilustrar a importância da cognição humana para a construção e o entendimento de significados relativos à noção de intensidade. Há, segundo Silva (2006, p. 205), uma

“conexão analógica” entre o conteúdo de intensidade e o conteúdo mais concreto, pertencente ao universo sociofísico do falante.

Consequentemente, há um leque variado de formas para expressar intensidade que está à disposição do falante, como as enunciações a seguir: (i) João está com fome; (ii) João está com **muita** fome; (iii) João está **morrendo de** fome¹. Nesses casos, há uma diferença gradativa de sentido, pois no primeiro exemplo, não há nenhuma marca linguística de intensificação, o que demonstra um nível considerado normal para a necessidade de se alimentar; já no segundo exemplo, há a inclusão do advérbio canônico de intensidade **muito**, o que faz com que a fome que João sente seja vista como elevada, em relação ao que se observa no enunciado anterior, e, por fim, o último exemplo demonstra que João sente uma fome extrema e, por isso, em um sentido metafórico, estaria morrendo.

Depreende-se, portanto, que a intensidade posiciona as experiências em uma escala subjetiva, conforme aponta Costa (2010): se for mais intensa, ocupará o topo da escala; se comum, o meio; e se for menos intensa, ficará na base. No caso em questão, o exemplo 1 seria a base dessa escala, pois não há marcas de intensidade, o exemplo 2, com o uso do advérbio, ocuparia o meio, e o 3, o topo, já que representa o nível mais acentuado com a presença da construção perifrástica **morrendo de**. Essa variedade de construções de intensidade acontece, de acordo com Neves, porque

Em qualquer estágio da interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso, o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário (Neves, 1997, p. 20).

¹ Exemplos da autora.

O que se observa é que as expressões intensificadoras canônicas como **muito**, **bastante** e **demais**, por exemplo, apesar de serem bastante produtivas e desempenharem um papel importantíssimo na língua portuguesa, não seriam suficientes em determinados contextos de comunicação, a depender das necessidades do falante. Por conseguinte, torna-se necessário que uma nova análise desses intensificadores seja realizada a fim de identificar novas construções capazes de reproduzir as reais necessidades dos envolvidos na interação. Assim, há a formação de construções intensificadoras perifrásticas, como as estudadas aqui, **pra caralho**, **morri de** e **pra burro**, que funcionam como estratégias semântico-discursivas de natureza hiperbólica, que carregam consigo significados que são construídos via metáfora ou metonímia.

Dessa forma, o recurso da intensificação é operado pelo “estabelecimento de relações analógicas com noções oriundas de determinados conceitos de base mais concreta, como quantidade, tamanho/dimensão, localização, peso/força, etc.” (Silva, 2006, p. 201), com base no que propõem Langacker (1987) e Lakoff (1987). Nesses casos, as construções mencionadas são capazes de conferir intensidade através das operações de projeção metafórica envolvendo as experiências do falante com os processos atinentes à morte (**morri de**), à força física do animal (**pra burro**) e à virilidade/força do órgão genital masculino (**pra caralho**). Esse tipo de intensificação só é possível graças ao novo pareamento de forma e significado formado pela junção das palavras, que, agora, passam a atuar como um *chunk*, uma construção de natureza autônoma e rotinizada, com posições fixas e abertas.

A seleção dessas três construções intensificadoras se deve ao fato de constituírem dados reais de falantes em situações comunicativas reais, sendo bastante produtivas em contextos informais de interação, além de abarcarem campos metafóricos diferentes, mostrando, conseqüentemente, a criatividade do falante para a criação das construções através de sua experiência com o ambiente sociofísico. Quanto ao corpus linguístico utilizado, optou-se em trabalhar com o Corpus do

Português², compilado pelos pesquisadores Davies e Ferreira, e que contempla um grande acervo online com mais de dois bilhões e meio de palavras da língua portuguesa.

A análise das três ocorrências se baseará na perspectiva da LFCU, a fim de averiguar a formação e o significado das construções intensificadoras, e na AD, com o intuito de observar os efeitos de sentido. Para iniciar, no primeiro recorte, o falante faz uso da expressão **pra caralho** numa tentativa de explicar o porquê não se interessava nem pela escola, nem pelas matérias na época de estudante.

1. E a escola, não te tocava em nada? Eu estudava mais pra fazer uma preza pra minha mãe. Nunca curti escola. Fui fazer eletrônica, aí era muita conta, nunca fui bom de matemática, química, biologia, aquelas contas doidas. Falei: “mano, ou eu sou burro **pra caralho**, ou vou ser ladrão!” Não aprendia, truta! Comecei a ficar complexado. (19Or:Br:Intrv:Web)

Em uma análise baseada no uso, há, nesse recorte, um informante que discorre, durante uma entrevista realizada, acerca de sua vivência na escola com os estudos, relatando nunca ter gostado muito de estudar e, por isso, só frequentava a unidade escolar como forma de agradar a mãe “Eu estudava mais pra fazer uma preza pra minha mãe”. Ao falar que não era bom em nenhuma das disciplinas das quais tinha que fazer contas, como matemática, química, biologia, ele mencionou que “mano, ou eu sou burro pra caralho, ou vou ser ladrão!” como uma forma de tentar explicar a dificuldade que vivenciava no colégio com a aprendizagem, e uma possível alternativa como “profissão”, já que não tendo um bom conhecimento, buscaria uma outra possibilidade.

Em sua fala, o informante faz uso da construção [[X] **pra caralho**], formada pela preposição [pra] e pelo substantivo [caralho], que modifica um elemento representado pelo slot [X]. No exemplo acima, a expressão [pra caralho] modifica o adjetivo “burro”.

² Disponível online em: <https://www.corpusdoportugues.org>

O objetivo é intensificar o quão burro o falante se acha, ultrapassando, portanto, os limites considerados normais, como **muito burro**, por exemplo. Em uma provável escala subjetiva de intensificação, a construção utilizada ocuparia o topo já que o sentido veiculado é hiperbólico. A intensificação nesse contexto é possível porque a ideia de potência/virilidade da genitália masculina (algo concreto) é transferida metaforicamente para a ideia mais abstrata de intensidade para potencializar um atributo do indivíduo.

Quanto à perspectiva da análise do discurso, há nesta materialidade, um sujeito que, possivelmente, seja reconhecido como um jovem e participante de um grupo específico de sua comunidade, uma vez que ele emprega diversas gírias em seu discurso, como **fazer uma preza, curti, mano, truta**, que auxiliam na formação da posição ocupada por ele na sociedade. Ademais, quando enuncia “mano, ou eu sou burro pra caralho, ou vou ser ladrão!”, ele assume uma posição frente à formação discursiva na qual participa e demonstra um atravessamento de já ditos, de pré-construídos. Para este sujeito, é nítida sua inserção em discursos que pregam pela importância dos estudos a fim de se galgar uma boa profissão e obter sucesso na vida; em contrapartida, a falta de educação/conhecimento está arraigada na ideia de que será impossível ter uma profissão decente, e, portanto, a única alternativa seria se tornar um ladrão.

Dessa forma, não lhe resta mais nenhuma alternativa que se enquadre em suas particularidades, ou ele é, de fato, **burro pra caralho**, ou só lhe resta a opção de ser ladrão. Portanto, as formações discursivas nas quais está inserido, suas ideologias, sua visão de mundo, juntamente com a construção escolhida para intensificar sua fala, evidenciam o seu posicionamento ideológico, frente a sua posição ocupada na sociedade.

No próximo recorte, 2, a construção intensificadora [morrer de] é a responsável por trazer a ideia de exagero presente na fala de uma mulher ao presenciar um assalto.

2. # O marginal não tinha documentos de identificação e somente os agentes da 5ª Delegacia é que terão condições de reconhecê-lo, caso o corpo não seja reclamado no Instituto Médico-Legal. # A doméstica Ana Maria Cândida, uma das passageiras, chegou a desmaiar na hora do assalto e teve de ser medicada no Hospital João Batista Caribé. Aterrorizada, ela disse ter vivido a primeira experiência de um assalto e que jamais quer passar por outra. "Quase **morri** de susto ", assegurou, na saída do hospital. (19N:Br:Bahia)

Para a abordagem funcionalista da linguagem, visualizamos, nesse recorte, uma notícia veiculada por um jornal da Bahia que noticia um assalto ocorrido, possivelmente, dentro de um transporte público. Ana Maria Cândida, uma das passageiras, chegou a desmaiar quando presenciou o crime, foi levada ao hospital, e, após, em resposta ao repórter, disse ser a primeira vez a passar por um transtorno como esse e não deseja que isso aconteça novamente, pois, em suas palavras "Quase morri de susto". Para mostrar quão assustadora foi a experiência pela qual passou, Ana Maria lançou mão da construção [**morri de [X]**], formada pelo verbo [morrer] e pela preposição [de], para ressaltar o seu estado emocional no momento.

Nessa construção, a forma verbal **morrer**, passa, a partir do processo de abstratização do sentido de morrer (perder a vida, finar-se), a indicar um grau elevado de intensidade graças a um novo pareamento de forma e significado resultado das experiências do falante, como um último ato/gesto de um ser e denota que o ato presenciado por Ana Maria foi tão forte a ponto de quase lhe tirar a vida. Por conseguinte, a construção utilizada pela informante, em uma escala subjetiva de intensificação, também ocuparia o topo, uma vez que seu sentido é demasiado em comparação a outros advérbios de intensidade, por exemplo. Através de sua escolha lexical, a mulher é capaz de transmitir com nitidez a força do evento pelo qual presenciou.

Já para a AD, ao analisar tal materialidade, percebe-se que se trata de um sujeito do sexo feminino, Ana Maria, possivelmente sem muito valor aquisitivo, pois é apresentada como doméstica e passageira de transporte público "A doméstica Ana Maria Cândida, uma das passageiras". Convém adentrar aos discursos inseridos na

cultura brasileira e explicitar que tal profissão fica a cargo de pessoas menos abastadas financeiramente, uma vez que é considerada de baixo prestígio e mal remunerada, e, por isso, típica de pessoas que usam frequentemente o transporte público para trabalhar. Entretanto, apesar de estar, presumivelmente, inserida em um contexto menos favorecido, onde há episódios maiores de crimes, o ato de desmaiar de susto demonstra sua não aceitação a esse tipo de violência e opressão e seu desacostume ao passar por situações como essas, mesmo que sejam frequentes. Caso ela estivesse habituada à situação, não teria sofrido e precisado até ser medicada no hospital, pois o caso estaria dentro da normalidade, próximo de suas experiências.

O jornal baiano também assume uma posição frente aos seus leitores quando declara que o assaltante era um **marginal**, isto é, para a mídia, mas não só, já que grande parcela da sociedade também o enxerga dessa forma, a ação cometida pelo homem é inaceitável e o tira da situação de correto, levando-o a um patamar de delinquente. De modo conseqüente, tanto a notícia veiculada pelo jornal quanto a fala da doméstica demonstram a péssima situação ocorrida dentro do transporte, o que fez com que Ana Maria conseguisse, através da expressão utilizada “Quase morri de susto”, transpor a sua indignação, o pavor e o medo que sentiu durante o ocorrido. Ademais, o recorte, assentado no discurso do jornal, e da construção intensificadora usada pela mulher, deixam transparecer as formações discursivas que os permeiam, além de pré-construídos frente ao enunciado, isto é, não se trata somente de exagerar a fala, mas de mostrar todo o pânico do momento sofrido pela senhora e a força com que o episódio se desenrolou.

Por fim, o recorte 3 explora o uso da construção [pra burro] e tem como finalidade intensificar o péssimo salário dos funcionários públicos do Banco do Brasil.

3. P - E tu consegues te imaginar fazendo outra coisa que não rádio? Rogério
 - Hoje, aos 61 anos, eu não saberia o que eu estaria fazendo, porque o sonho da minha mãe é que eu fosse funcionário do Banco do Brasil ou médico. E eu não fui nenhuma das duas coisas. No Banco do Brasil, o pessoal que tá ganhando mal **pra burro**. E médico, só se fosse um grande cirurgião.
 (19Or:Br:Intrv:Web)

Na visão funcionalista da linguagem, o recorte trata de uma entrevista em que o informante é indagado sobre qual profissão estaria exercendo no momento que não fosse a de locutor (rádio). Como resposta, o homem diz que não saberia o que estaria fazendo, uma vez que o sonho de sua mãe era vê-lo trabalhando no Banco do Brasil ou sendo um médico. No entanto, o informante diz que não exerceu nenhuma das duas profissões “E eu não fui nenhuma das duas coisas”, pois, segundo ele, o salário dos funcionários no Banco do Brasil é ruim e a medicina só valeria a pena se fosse um renomado cirurgião.

Para convencer seu interlocutor, o entrevistado enfatiza o quão ruim está o salário dos funcionários do banco ao usar a construção **pra burro**, extrapolando o sentido de expressões como **muito ruim**, **bem ruim**, entre outras possíveis. A intensificação nesse caso é possível porque a transferência metafórica da força física do animal, de sua capacidade de superar, suportar e aguentar determinadas atividades ou situações extremas, num novo pareamento de forma e significado, estruturado a partir da preposição [pra] e o nome [burro], aliado à repetição no dia a dia, passou a ser usada como a ideia de intensidade. Dessa forma, através da construção intensificadora escolhida, localizada no topo de uma escala subjetiva de intensidade, o entrevistado consegue reforçar de maneira enfática porque não quis seguir nenhum dos sonhos da mãe.

Na análise discursiva, é plausível reconhecer nessa materialidade o discurso veiculado pela mãe do informante sobre a temática de profissões elitizadas, já que ambas idealizadas por ela estão em um patamar acima da média brasileira. A mulher desejava que o filho seguisse uma carreira mais bem quista e de maiores privilégios como o funcionalismo público ou a medicina, que se configuram como cargos renomados na ideologia brasileira, pois ou oferecem estabilidade como o cargo no banco, ou ofertam prestígio como a medicina.

Entretanto, ele não seguiu nenhuma carreira desejada pela mãe, indo na contramão do sonho dela ao trabalhar no rádio. Contramão porque, em primeiro lugar,

não era a ocupação idealizada pela mulher, e em segundo, porque a profissão exercida pelo homem na rádio, por exemplo, pode ser vista em discursos permeados na sociedade como um emprego que não trará dinheiro, nem muito menos destaque. Sabendo disso, como forma de se livrar da culpa de não ter escolhido as profissões desejadas pela mãe, o homem se vale de uma ressalva para mencionar que está bem melhor na profissão escolhida, já que são os funcionários do banco que estão ganhando muito mal “o pessoal que tá ganhando mal pra burro” e não ele; logo, teoricamente, sua situação seria melhor.

Quanto a ser médico, o sujeito deixa claro que só valeria a pena se ele fosse um profissional renomado, “um grande cirurgião”, porque, na opinião dele, os demais médicos trabalham demasiadamente e não têm uma boa qualidade de vida. Desse modo, quando o informante utiliza a construção intensificadora **pra burro**, deixa transparecer para a mãe e para os demais que a sua escolha profissional, embora não seja de muito prestígio, é a melhor possível, pois de nada adiantaria exercer profissões renomadas e não ganhar bem.

Diante dos recortes apresentados, constata-se que a Linguística Funcional Centrada no Uso não possibilita realizar uma leitura mais aprofundada acerca dos contextos em que as construções intensificadoras se encontram, ou acerca dos efeitos de sentido veiculados pelos discursos dos quais os falantes são atravessados, da ideologia que ele ocupa, uma vez que essa parte fica a cargo da Análise do Discurso. Ao invés disso, a teoria da LFCU permite que se adentre mais profundamente à estrutura formadora da construção e que se compreenda o seu desenvolvimento e a sua função. Tem-se a noção somente de que o falante usa tais construções como instrumentos para superlativar o que é enunciado, impressionando seu interlocutor e levando-o a assumir com convicção a posição que o falante/escritor assume (Costa, 2010, p. 113).

Assim, na LFCU, o intuito não é emergir um posicionamento ideológico, mas demarcar um posicionamento enquanto falante perante aquilo que é intensificado, seja

a frustração frente à própria condição de aprendizagem, o susto causado por um assalto, ou o péssimo salário de funcionários públicos. Todavia, o mesmo não acontece em uma análise discursiva, pois para a AD, o uso das construções intensificadoras deixa emergir posicionamentos ideológicos dos sujeitos e efeitos de sentido vários. Dessa forma, os recortes nos permitem visualizar a ideia de sujeitos que se consideram muito burros intelectualmente, não lhes restando outra alternativa a não ser cometer violações, já que nessa atividade não é necessário ter estudos, ou que não fazem parte e não aceitam marginais, assaltos, crimes, ou, ainda, o fato de não terem seguido as carreiras profissionais que a mãe desejava e, assim, terem se livrado de salários ruins.

Observa-se, portanto, após esta análise conjunta das duas abordagens teóricas, que as construções intensificadoras não funcionam somente como uma expressão de intensidade para exacerbar positiva ou negativamente um enunciado, mas também como uma forte marca da posição, do lugar ocupado pelo sujeito que o enuncia, bem como dos discursos pelos quais o indivíduo é atravessado ideologicamente, deixando emergir já ditos. É evidente, então, o mérito do diálogo das abordagens estudadas, já que essa análise mais ampla e completa das construções intensificadoras só fora possível em virtude desse contexto. À vista disso, esta seção teve como objetivo apresentar uma análise individual de cada teoria, a LFCU e a AD, para os recortes apresentados e mostrar os benefícios de sua afluência para o estudo de um mesmo objeto.

5 Considerações finais

Conforme exposto, apesar das especificidades de cada subárea, a Análise do Discurso de linha pecheutiana e a Linguística Funcional Centrada no Uso, o fenômeno da intensificação, visto a partir das três construções intensificadoras **pra caralho, morri de e pra burro**, evidenciou possíveis confluências, possibilitando, por consequência, um diálogo entre as teorias. Em linhas gerais, nota-se que cada área é composta por uma tríade, na AD, **língua-sujeito-história**, e na LFCU, **linguagem-pensamento-**

experiência, cada qual com suas particularidades, mas com possíveis pontos em comum. Ver-se-á que ambas mostram a correlação entre o ser humano (sujeito/falante) perpassados pela história e pela sociedade e a língua(gem) que se faz presente numa interação real de comunicação por meio de discursos vários.

Como mencionado, a tríade que perpassa a AD constitui-se de seus três elementos, língua-sujeito-história, em que a língua representa a materialidade do discurso, isto é, tudo que produz sentido, que se materializa, dentro de uma exterioridade (social); o sujeito é aquele que se constitui através do discurso, trata-se de um sujeito heterogêneo, cindido, atravessado pela ideologia, pelo sócio-histórico, pelo inconsciente; por fim, a história é a responsável por afetar a construção do sujeito e dos sentidos. Para a tríade da LFCU, linguagem-pensamento-experiência, tem-se a linguagem como dinâmica, mutável a depender das práticas sociais, e permeada por um sujeito cognitivo que em situação comunicativa real produz significados reais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente; o pensamento é aquele que diz respeito à cognição retida não só na mente, no individual, mas que se rende ao social e à partilha; e o último elemento, a experiência, incumbida de dar significado às coisas, já que é por meio dela que o falante vivenciará o mundo a sua volta.

Observa-se, então, que as duas abordagens dialogam com os pontos cruciais para a formação da base teórica de cada uma. Ambas partem do pressuposto de uma língua que é compartilhada socialmente por um sujeito cognitivo heterogêneo constituído pelas suas experiências cotidianas e pelas suas ideologias, que está inserido em um contexto social e que, portanto, é afetado pela história. Como “os falantes não querem se expressar do mesmo modo que fizeram ontem e, em particular, do mesmo modo que outra pessoa qualquer se expressou ontem” (McMahon, 1994 *apud* Furtado da Cunha; Cezário, 2023, p. 8,) é que eles lançam mão da criatividade, característica única dos seres humanos, e por meio de metáforas e analogizações, novas construções são criadas com base em outras já existentes e passam a exercer funções variadas no seu contexto de uso.

A premissa de que a palavra tem sentidos diversos está centrada nos estudos da LFCU, no entanto, nota-se semelhança na AD quando se investiga a noção de polissemia, a qual diz respeito à possibilidade do diferente, pois se trata da ordem da ruptura, do deslocamento, é o espaço inventivo da língua (os efeitos de sentidos), em que o sujeito se movimenta com sua inscrição na história, logo, como tratado em Authier-Revuz (1990; 2004), um discurso nunca nasce do zero porque seu surgimento advém de outros discursos, ou seja, um discurso traz outros em si, sendo produto, então, de interdiscursos. Destarte, nota-se em ambas as perspectivas que nada na linguagem surge do zero, tanto as construções linguísticas, quanto os discursos são oriundos de algo já pré-existente, uma vez que o sujeito se constitui em sua exterioridade, através do meio social.

O sujeito, pelo processo de interpelação, como tratado no esquecimento nº1, pode até acreditar que ele é origem de seu dizer, mas isso de fato não acontece porque não há como desconsiderar que o sujeito-falante se encontra na exterioridade da formação discursiva. Quanto ao esquecimento nº 2, quando o sujeito-falante diz algo, ele deixa de dizer outra coisa, pois as suas escolhas frente as variadas possibilidades de estruturas linguísticas marca a sua posição dentro de uma formação discursiva, isso porque o sentido não é estático, logo, todo sentido pode ser outro.

Convém ressaltar que a palavra é a construção de sentido e

O sentido resulta de sua inscrição em uma formação discursiva, já que uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra, o sentido desliza e define a inserção do sujeito em uma FD ou em outra. [...] Toda FD remete a uma dada formação ideológica. O sujeito do discurso traz para o debate um grupo de representações individuais a respeito de si mesmo, do interlocutor e do assunto abordado (Brasil, 2011, p. 174).

Tais esquecimentos formulados por Pêcheux revelam que o sujeito não é fonte e origem do seu dizer, e que é por meio dessas ilusões que o sujeito enuncia e que a língua produz sentido. Em vista disso, tanto na AD, quanto na LFCU, o sentido de uma palavra ou de um discurso só ocorre fundamentado em um contexto real de uso,

dentro de uma formação discursiva, assim como a construção e o discurso são resultantes de construções e discursos já veiculados na interação. Bybee (2016 [2010], p. 317) cita que “o contexto social e cultural em que a língua é usada teria um impacto sobre as estruturas que são criadas”, tese que confirma a importância e a necessidade do social e da história para a base teórica da linguística centrada no uso, compartilhando, portanto, do mesmo ideal da análise do discurso.

Ademais, como explicitado, a LFCU entende a língua como um pareamento de construções organizadas em nível de rede, pois como um nó está interligado a outro, novos elos são formados a todo momento. Premissa semelhante é vista na AD, em que dada a sua inscrição na história, o discurso não pode existir em si mesmo, dada a sua função de não só representar o mundo, como, especialmente, significá-lo. Para melhor esclarecer, a AD e a LFCU não trabalham com conceitos fechados, isolados, em que um enunciado não traga informações a respeito do sujeito, do interlocutor ou do assunto, ou uma estrutura não permita sancionar outra, por exemplo, pelo contrário, a interligação de elementos em cada abordagem é a base de seus conceitos, um discurso, portanto, está conectado a outros, criando uma formação discursiva, assim como um esquema construcional possibilita a criação de vários outros.

Isso posto, a seleção das construções intensificadoras da língua portuguesa aqui estudadas, **pra caralho**, **morri de** e **pra burro**, denota a razão pela qual o sujeito-falante faz sua escolha frente à posição assumida dentro de sua formação discursiva. Além de elas terem a função de exacerbar emoções, eventos, opiniões, estão também a serviço de operações retórico-argumentativas do falante com a finalidade de atingir algum propósito comunicativo. Quanto à investigação, depreende-se que as análises realizadas em conformidade com a linguística funcional apenas demonstraram que as construções intensificadoras funcionam como um processo de intensificação, de exacerbação da fala, daquilo que o falante quer transmitir ao seu ouvinte, tentando-o convencer.

Por sua vez, no que diz respeito à análise discursiva, observando os sujeitos envolvidos, assim como os discursos permeados, nota-se que tais sujeitos são atravessados por discursos outros, ideologias, e ao utilizarem as construções de intensidade deixam emergir muito mais que uma necessidade de exacerbar a fala, mas acabam por manifestar seus posicionamentos ideológicos e posições assumidas na sociedade. Vê-se, portanto, que estudar o discurso é “entrar em um campo que envolve o indivíduo falante, o contexto, a história, a ideologia além de uma série de elementos que são considerados ‘moventes’ e, portanto, de difícil ‘normatização’” (Marques, 2012, p. 7).

O mesmo acontece com a LFCU, ao passo que os falantes produzem construções linguísticas sem se atentarem ao fato de que lançam mão do experiencialismo ou da corporeidade para formarem o arcabouço de uma língua. Desse modo, não é só o discurso que envolve os campos mencionados, as estruturas linguísticas também necessitam de um falante para existirem, de um contexto para serem criadas, de uma história para fazerem sentido e de uma ideologia para ser cristalizadas. Sendo assim, a análise das construções intensificadoras possibilitou visualizar como um mesmo objeto teórico pode ser estudado mais profundamente fundamentado nas duas abordagens em evidência.

À vista do exposto, o diálogo entre a AD e a LFCU mostrou-se não só plausível, como, especialmente, proveitoso, à medida que tal união pode oferecer muito mais fundamento teórico para análise em conjunto de um mesmo objeto, como visto na seção das construções intensificadoras. O fato de ambas as teorias estudarem a análise de textos reais e a língua em uso possibilitou que a tarefa fosse iniciada e se adentrasse aos pormenores para vislumbre de mais convergências, entretanto este artigo foi fruto de escolhas e recortes frente à infinidade de possibilidades. Logo, esta tarefa não se finda aqui, há muito mais a ser descortinado no estudo entre a Análise do Discurso Pecheutiana e a Linguística Funcional Centrada no Uso, assim como outros caminhos a serem percorridos.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *In: Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 19, jul/dez 1990. Campinas: Unicamp/IEL, 1990, p. 25-42.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a Transparência e a opacidade: um estudo enunciativo**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. *In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à Linguística II: Princípios de análise*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 187-219.

BRANDÃO, M. H. N. **Introdução à análise de discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

BRANDÃO, M. H. N. **Subjetividade, argumentação e polifonia – A propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAMARGO, C. M. S. Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheutiana e sua relação com a memória social. **Saber Humano**, v. 9, n. 14, p. 167-181, jan./jun. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.18815/sh.2019v9n14.341>

COSTA, I. O. **A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W. **Radical Construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do português: News on the Web (NOW) e Web e Dialectos**. Disponível online em <https://www.corpusdoportugues.org>

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FURTADO DA CUNHA, M. A; CEZÁRIO; M, M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. **Alfa**, São Paulo, v. 67, p. 1-24, 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e15041>

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MARQUES, W. Funcionalismo, pragmática e análise do discurso: reflexões analítico-críticas. **Revista Odisseia**, [s.l.], n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2055>

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e dinamicidade da língua. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 87-106.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 177-192.

MENEZES, W. A. **Evento, jogo e virtude nas eleições para presidência do Brasil – 1994/1998**. 2004. Tese (Doutorado) – Fale/Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012 [1999].

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ORLANDI, E. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2015. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>. DOI <https://doi.org/10.22481/el.v1i1.973>

PAVEAU, M. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução de Greciely Costa e Débora Massmann. Revisão da tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Edunicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995 [1975].

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 21, p. 201-218, 2 sem., 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2021 [2013].